

A PESQUISA QUALITATIVA DE ABORDAGEM HISTÓRICO-CULTURAL: FUNDAMENTOS E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

FREITAS, Maria Teresa de Assunção – UFJF – mtl@acessa.com

GT: Psicologia da Educação / n.20

Agência Financiadora: CNPq / FAPEMIG

1-Apresentando o tema

Tenho me dedicado durante quase duas décadas a estudar sistematicamente o pensamento de Vygotsky e Bakhtin . Esses autores se constituem como a base teórica do meu fazer pedagógico e de minha prática de pesquisa. A partir dessa própria prática tenho construído com meus orientandos e companheiros do grupo de pesquisa LIC (Linguagem, interação e conhecimento) uma reflexão sobre a pesquisa de abordagem histórico-cultural que se tem consubstanciado na produção de diferentes textos apresentados em congressos ou publicados em livros e periódicos. Assim, o que privilegiar para abordar? O que de novo tenho a dizer além do já dito em textos anteriores? Escolhi, então, um caminho, revendo o já escrito e acrescentando outras reflexões. Início esse texto dizendo como concebo a relação das teorias com a realidade social e explicitando minha posição teórica. Em seguida discuto sobre os sentidos por mim construídos sobre o que é pesquisar o singular na pesquisa qualitativa de abordagem histórico-cultural e como estes sentidos se refletem na atuação do pesquisador e no processo metodológico.

2- A relação da teoria com a realidade social

Compreendo que as teorias são parte da realidade social e ao mesmo tempo interferem sobre a mesma. Elas refletem e refratam essa realidade. As teorias são organizadas a partir de textos, de uma linguagem que reflete e refrata o mundo. Portanto, elas não só descrevem o mundo mas constroem, na dinâmica da história, diversas formas de nele intervirem. Todo o conhecimento produzido nas ciências humanas tem seu ponto de partida e chegada nos processos da vida humana historicamente construídos. Compreendendo que o conhecimento é historicamente construído e que a pessoa está implicada em sua construção, vejo que a escolha de um referencial teórico tem a ver com a visão de homem e de mundo do pesquisador. Se o homem é para mim um ser sócio-histórico, ativo, transformador, criador de significações, isso se refletirá certamente em minha maneira de pesquisar, de produzir

conhecimento, portanto na escolha do referencial teórico de trabalho. Se vejo o mundo em seu acontecer histórico, em uma dimensão de totalidade, sem separar conhecer/agir, ciência /vida, sujeito/objeto, homem/realidade, escolho como norteador de meu trabalho formas de pensamento capazes de fornecer os meios para se compreender não coisas e fragmentos de coisas, mas a própria condição humana.

Refletindo sobre a realidade do homem e do mundo contemporâneo, nesse momento de barbárie, criada pelas relações postas pela sociedade capitalista, numa globalização que mais fragmenta que une, e buscando alternativas viáveis de restaurar no homem sua humanidade, procuro para as ciências humanas referenciais, que não tenham deles expulsado o sujeito, mas que centrando-se no sujeito, o vejam inserido no mundo e na história, portanto, abordagens que focalizem a realidade humana em uma perspectiva de totalidade e nela se impliquem buscando formas alternativas de superação.

Esses argumentos justificam porque me identifico com as teorias de autores como Vygotsky, Bakhtin e seu Círculo. Bakhtin e Vygotsky, nascendo em anos próximos(1895-1896) viveram no mesmo país, a Rússia, compartilhando as experiências de uma mesma época marcada pelas transformações revolucionárias. No entanto, não se conheceram pessoalmente e se encontram na grande temporalidade, em seus textos, a partir das idéias que defendem. Há entre eles muitos pontos em comum estando na base de suas teorias o pensamento de Marx e o método dialético.

Marx, principalmente em seus primeiros escritos filosóficos, lançou os fundamentos do materialismo histórico dialético contestando a filosofia dominante no século XIX tanto idealista quanto empirista. Como materialista considerava que “o ponto de partida da ciência e da história é a vida-que- se-vive e não as interpretações ou abstrações extrapoladas da vida”(Newman e Holzman, 2002.p.24) Por isso diz “Não é a consciência que determina a vida mas a vida que determina a consciência [...] parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e se considera a consciência unicamente como consciência deles” (Marx e Engels, 1973,p.47)

Na Rússia, na época em construía suas teorias Vygotsky e Bakhtin assistiam a uma deformação conservadora e abstrata desse pensamento de Marx .

Embora identificados com o pensamento de Marx, opunham-se ao monologismo da imposição oficial e canônica do marxismo na Rússia. Comprometidos com a transformação da realidade tinham, no entanto, do marxismo uma visão crítica própria valorizando a subjetividade e a singularidade, o que os distanciava da forma mecanicista e burocrática com que este imperava em seu país. (Freitas, 1997;p.313-314)

A dialética constituiu-se no método de trabalho dos dois autores. Bakhtin (1992), compreendendo a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação, critica a dialética monológica de Hegel, na qual percebe uma sistemática mecânica de oposições que priva o diálogo de sua condição essencial e propõe uma dialética que, nascendo do diálogo, nele se prolonga, colocando pessoas e textos num permanente processo dialógico.

Vygotsky (1982), como um metodólogo procurou no marxismo o método de sua construção. Afirma:

A busca de método se torna um dos problemas mais importantes de todo o empreendimento de compreensão das formas exclusivamente humanas de atividade psicológica. Nesse caso, o método é simultaneamente pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo. (Vygotsky, 1978 , p.65).

Preocupado em encontrar um método para a Psicologia, que desse conta da complexidade de seu objeto, insistia que todos os fenômenos devem ser estudados como um processo em movimento e mudança, buscando-se conhecer sua gênese e transformação.(Freitas, 1996).

As teorias destes dois autores, fundamentadas portanto, no materialismo histórico dialético, foram gestadas a partir de suas insatisfações e críticas em relação aos reducionismos das concepções empiristas e idealistas indicando perspectivas de superá-los.

Vygotsky insatisfeito com o que chamou de a “crise da psicologia” de seu tempo, cindida entre a mente e o corpo, entre os aspectos internos e externos, propôs uma teoria psicológica capaz de conceber consciência e comportamento como elementos integrados de uma mesma unidade. Em sua crítica aos modelos psicológicos objetivistas e subjetivistas, apresentou mais do que uma terceira via, um caminho que constituía uma verdadeira ruptura, mostrando a necessidade de um paradigma unificador que restabelecesse a integração ausente. Assim elaborou sua teoria social do desenvolvimento compreendendo o sujeito como constituído não a partir dos fenômenos internos ou como produto de um reflexo passivo do meio mas construído nas relações sociais via linguagem (Freitas, 1994). Procurou principalmente realizar em sua teoria a síntese indivíduo/sociedade entendendo que se indivíduo e sociedade estiverem separados o ser humano não tem condições para se desenvolver.

Bakhtin e seu Círculo, se preocuparam em criticar em diferentes disciplinas, as visões dicotômicas e fragmentárias opondo a elas uma visão integradora. É o que fizeram em relação à lingüística de seu tempo, que não os satisfazia, por valorizar na linguagem apenas os sistemas abstratos de normas ou a expressão monológica isolada, privilegiando de um lado a objetividade de um sistema lingüístico abstrato e inerte, e de outro, a língua enquanto criação individual. Procuraram a superação dessas posições fragmentárias considerando que “*a interação verbal é a realidade fundamental da língua*” (Bakhtin/Volochinov 1988,p.30) e, construíram o que chamaram de uma metalingüística ou translingüística. Também, diante da psicologia, criticaram o subjetivismo e o objetivismo, que isola aspectos internos e externos, privilegiando ora o fisiológico, ora a vivência interior, propondo como alternativa uma psicologia de base sociológica na qual consideram a consciência individual como um fato sócio-ideológico. Conceberam assim, que o psiquismo se situa num entrelugar: entre o organismo e o mundo exterior e a forma de mediar a relação entre os dois se materializa nos signos, na linguagem.

Contrários às dicotomias presentes nas concepções de linguagem e de psicologia de seu tempo, por oscilarem entre os pólos subjetivo e objetivo, arquitetaram suas teorias em um entrelaçamento de sujeito e objeto, propondo uma síntese dialética imersa na cultura e na história.

Vygotsky e Bakhtin criticam os paradigmas hegemônicos de sua época que em uma preocupação com a cientificidade das ciências humanas acabam por delas expulsar o homem tornando-as des-humanas. Esta crítica é especialmente dirigida ao referencial positivista que em sua convicção de que a realidade é objetiva e apreensível considera a ciência como um conhecimento positivo, verdadeiro, obtido sob condições controladas.

3- As contribuições para a pesquisa nas Ciências Humanas

Se estes autores construíram suas teorias numa perspectiva de superação dialética de modelos já existentes, que contribuições podem trazer para a pesquisa nas Ciências Humanas?

Trabalhando com a perspectiva histórico-cultural há vários anos, realizando pesquisas e orientando dissertações na área da educação, por ela fundamentadas, essa questão foi se fazendo presente, levando-me a formular algumas tentativas de respostas em um esforço de reflexão e estudo que se evidenciaram em alguns textos por mim produzidos (Freitas 2002,2003). Neles preoquei-me em discutir como a perspectiva

histórico-cultural pode representar um caminho significativo para uma forma outra de produzir conhecimento no campo das ciências humanas. Considerarei ainda que essa perspectiva teórica traz implicações que se refletem nas características processuais e éticas do fazer pesquisa em ciências humanas exigindo uma coerência do pesquisador na concepção e uso dos instrumentos metodológicos para a coleta e análise de dados bem como na construção dos textos com a discussão dos achados.

Outros pesquisadores, na educação, psicologia e lingüística, (Aguiar, 2001; Amorim 2001,2002,2003; Jobim e Souza 2002, 2003; Kramer 2002, 2003; Rey,1999; Bock, et al. 2001, Magalhães 2002, Liberalli, 2002) assumindo essa mesma posição, também se dedicaram a produzir trabalhos que têm contribuído para aprofundar questões relacionadas a esse tema.

Em um destes meus trabalhos anteriores (Freitas, 2002) defendi que a abordagem histórico-cultural ao compreender que o psiquismo é constituído no social num processo interativo possibilitado pela linguagem, pode permitir o desenvolvimento de alternativas metodológicas que superem as dicotomias objetivo/subjetivo, externo/interno, social/individual. Também ao assumir o caráter histórico-cultural do sujeito e do próprio conhecimento como uma construção social, esse enfoque consegue opor aos limites estreitos da objetividade uma visão humana da construção do conhecimento.

Para Vygotsky (1991) uma das metas da pesquisa é, conservar a concretude do fenômeno estudado, sem ficar nos limites da mera descrição, isto é, sem perder a riqueza da descrição, avançar para a explicação.

Considerando que, o que faz da atividade psíquica uma atividade psíquica é a sua significação, Bakhtin (1992), assume que o estudo nas ciências humanas não pode se restringir a explicar os fenômenos pela sua causalidade, mas deve se preocupar também em descrevê-los.

Estes autores vêm, portanto, a necessidade de uma pesquisa que focalize concretamente os fatos aliando a compreensão à explicação. Dessa maneira, considero que a abordagem histórico-cultural aponta para uma outra maneira de produzir conhecimento envolvendo a arte da descrição complementada pela explicação, enfatizando a compreensão dos fenômenos a partir de seu acontecer histórico, no qual o particular é considerado uma instância da totalidade social.

Assim, fazer pesquisa não consiste simplesmente em descrever a realidade mas em explicá-la, isto é, na busca de aprender os sentidos construídos pelos sujeitos,

importa a compreensão das forças fundamentais que os constituíram, de seus determinantes. Portanto, a pesquisa constitui-se como um processo construtivo/interpretativo, no qual o conhecimento é uma construção do pesquisador (González Rey, 1999). Este é um ser social que marca e é marcado pelo contexto no qual vive. Sua inserção no campo de investigação significa de fato sua penetração numa outra realidade, para dela fazer parte, levando para esta situação tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive. De acordo com Bakhtin (1988), cada pessoa tem um determinado horizonte social orientador de sua compreensão, que lhe permite uma leitura dos acontecimentos e do outro impregnada pelo lugar de onde fala. Deste lugar no qual se situa, é que dirige o seu olhar para a nova realidade. Olhar que se amplia na medida em que interage com o sujeitos. É neste jogo dialógico que o pesquisador constrói uma compreensão da realidade investigada transformando-a e sendo por ela transformado. (Freitas, 2003). Essa transformação do pesquisador acontece a partir de sua inserção na pesquisa, no movimento da compreensão ativa que estabelece com os sujeitos e da reflexão sobre sua participação no processo investigativo com constante avaliação crítica de sua atuação.

4- Mas o que é pesquisar o singular ?

Em seu Manuscrito de 1929 Vygotsky (2000) indaga: O que é o homem? Responde dizendo que para Hegel é o sujeito lógico e para Pavlov o soma, o organismo. Indo além deles Vygotsky afirma: o homem é uma pessoa social. Um agregado de relações sociais encarnadas num indivíduo. Vygotsky está afirmando que entende por

pessoa um indivíduo social, real e concreto, cuja singularidade se constitui enquanto membro de um grupo social cultural específico. Um indivíduo pois, que é um ser em si, uma natureza biológica portanto, que tem significação para os outros e que, através deles, adquire significação para si mesmo. (Pino, 2000 p. 74)

Para Vygotsky (1991) nós nos tornamos nós mesmos através dos outros. Bakhtin (1992) vê o eu como o conjunto de muitos outros eus. É o outro que me completa e o eu só tem existência a partir do outro.

Assim, em ambos os autores, o homem se constitui em uma relação dialética com o social e a história, um homem que é ao mesmo tempo único, singular e histórico, que se distingue da realidade social, não se dilui nela, uma vez que são diferentes (Aguar 2001)

Como apreender no processo da pesquisa essa singularidade? Vygotsky está preocupado em compreender além da aparência, apreendendo o processo interno. Mas

como chegar ao interno? Este só é apreensível através do discurso. Por meio dele é que o pesquisador ultrapassa a aparência e vai ao encontro das determinações históricas e sociais que se configuram no plano do sujeito, para chegar aos sentidos por ele construídos (Aguilar, 2001). Assim, dialogando com palavras do sujeito o pesquisador produz um conhecimento que desvela a realidade pesquisada. Bakhtin compartilha também dessa idéia ao dizer “*Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento*” (Bakhtin, 1992 p.329). Considerar o homem independente dos textos que cria significa, portanto, situá-lo fora do âmbito das ciências humanas (Freitas, 2002). Não sendo coisa, nem fenômeno natural, o homem está sempre falando, criando textos. Não há possibilidades de chegar até o homem, sua vida, seu trabalho, sua luta, senão através dos textos sóicos criados ou por criar. A ação física do homem tem de ser compreendida como um ato, porém o ato não pode ser compreendido fora de sua expressão sóica que por nós é recriada.” *Estudando o homem em todas as partes buscamos e encontramos signos e tratamos de compreender o seu significado*” (Bakhtin, 1985, p. 305)¹

Bakhtin no texto *Por uma Filosofia do Ato* (1999), diz que a cisão entre o conteúdo de um ato e a realidade histórica da existência faz com que este perca a sua capacidade de ser valorado, pois só um ato em sua totalidade é real e participa no acontecimento unitário do ser. Na pesquisa de orientação histórico-cultural o sujeito apesar de singular é sempre social e a compreensão se dá na inter-relação pesquisador/pesquisado. Esse movimento interlocutivo é um acontecimento constituído pelos textos criados, pelos enunciados que são trocados. Os sentidos construídos emergem dessa relação que se dá numa situação específica e que se configura como uma esfera social de circulação de discursos.

Assim, neste processo, o pesquisador e suas relações com o sujeito investigado, segundo Rey (1999), passam a ser os principais protagonistas da investigação e os instrumentos deixam de ter o lugar protagônico que lhes outorgava a investigação tradicional. Eles são apenas um meio para possibilitar a expressão, a construção do discurso do sujeito.

É com este olhar que vou situar os instrumentos metodológicos na pesquisa de abordagem histórico-cultural compreendendo-os como produção de linguagem e expressão do singular.

¹ Tradução livre da edição em espanhol

5- Pensando o processo metodológico de pesquisa

No Grupo de pesquisa: Linguagem, interação e conhecimento (LIC) da FAGED/UFJF, temos nos dedicado a construir uma metodologia investigativa derivada do referencial teórico histórico-cultural. Nesse sentido, as pesquisas empreendidas além dos seus objetivos relacionados ao objeto de estudo, também assumem o propósito de construção de novas estratégias metodológicas. Esta é uma ousadia que tem seu preço. Exige um maior conhecimento e profundidade da teoria para a partir dela repensar os recursos metodológicos. É algo que não está pronto, que não está organizado em nenhum manual de pesquisa, mas que vai tomando forma a partir do trabalho investigativo. Diante de cada objeto de pesquisa temos que olhá-lo pensando no que ele exige de nós.

É Bakhtin (1992) que orienta e permite compreender que uma situação de pesquisa é sempre um encontro entre sujeitos, um diálogo no qual pesquisador e pesquisado se re-significam. Assim, a pesquisa passa da descrição e compreensão do que o outro apresenta, para um encontro maior que vai além. O pesquisador é aquele que vai ao encontro do outro, coloca-se em seu lugar, para perceber o que ele percebe mas retorna ao seu próprio lugar. Esse retorno, essa posição exotópica, é que lhe permite ter realmente uma compreensão ativa do outro, gerando uma resposta ao visto, ao dito e não dito. E essa resposta implica em ajudar o outro a avançar, a caminhar, a sair do lugar.

A pesquisa deixa de ser somente diagnóstico para assumir uma compreensão ativa da realidade, que possibilite transformações em seus participantes, portanto uma pesquisa intervenção. Como acontece isso no processo metodológico? Como isso se apresenta em relação aos processos metodológicos?

Em todo meu percurso como pesquisadora, atuando no Grupo LIC junto com outros pesquisadores, trabalhamos com observações e entrevistas individuais ou coletivas na perspectiva do dialogismo bakhtiniano, incluindo a participação e compreensão ativa do pesquisador. Buscamos formas provisórias de nomear tais estratégias metodológicas², aprisionadas que estávamos pelos cânones tradicionais de pesquisa.

² Denominamos inicialmente essas estratégias metodológicas de observação mediada ou interativa e entrevista dialógica.

A partir dessa experiência, vivida na construção de um conhecimento compartilhado no grupo de pesquisa, situo aqui uma reflexão sobre esses instrumentos metodológicos: observação, entrevista, sessões reflexivas e grupos focais reflexivos, repensando sua forma e funcionalidade numa perspectiva de coerência com a perspectiva sócio-histórico-cultural.³

5.1 A observação e a entrevista

Os estudos qualitativos basearam-se na observação participante para realizarem seus trabalhos de campo. Para a pesquisa qualitativa de cunho histórico-cultural, que particularidades assume a observação como um instrumento metodológico? A própria abordagem teórica orienta e permite um outro processo de observação. Um processo não apenas participante, focalizado na análise interpretativa dos eventos descritos, mas assinalando um caráter mais dialético, buscando uma mediação entre o individual e o social. O **pesquisador está com os sujeitos** produzindo sentidos dos eventos observados. De fato, o que se busca com esta observação é uma compreensão marcada pela perspectiva da totalidade, construída no encontro dos diferentes enunciados produzidos entre pesquisador e pesquisado.

Mais do que participante, esta observação é caracterizada pela dimensão alteritária: o pesquisador ao participar do evento observado constitui-se parte dele, mas ao mesmo tempo mantém uma posição exotópica que lhe possibilita o encontro com o outro. E é este encontro, que ele procura descrever no seu texto, no qual revela outros textos e contextos. Dessa forma, vejo a situação de campo como uma esfera social de circulação de discursos e os textos que dela emergem como um lugar específico de produção do conhecimento que se estrutura em torno do eixo da alteridade. Neste sentido a observação não pode se prender apenas em descrever os eventos mas procurar as suas possíveis relações, integrando o individual com o social.

A observação, numa pesquisa de abordagem histórico-cultural, se constitui pois, em um encontro de muitas vozes: ao se observar um evento depara-se com diferentes discursos verbais, gestuais e expressivos. São discursos que refletem e refratam a realidade da qual fazem parte construindo uma verdadeira tessitura da vida social.(Freitas,2002;2003)

³ Essas reflexões sobre a observação e a entrevista na pesquisa de abordagem sócio-histórica estão presentes no texto : A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In Freitas, M. T. A; Jobim e Souza, S e Kramer, S. (orgs) **Ciências Humanas e Pesquisa- Leituras de Mikhail Bakhtin**.São Paulo: Cortez, 2003.

Enfim, a teoria enunciativa da linguagem de Bakhtin permite considerar a observação numa perspectiva discursiva, dialógica e polifônica compreendendo que o campo nos confronta com eventos de linguagem marcados pela interlocução. Assim, a partir do que tenho refletido atualmente, considero que na perspectiva histórico-cultural a observação não se esgota em si mesma, o pesquisador não é apenas um observador, mas alguém que **interfere no contexto** em que a pesquisa é realizada visando a transformação dos participantes e também a sua. Nesse sentido a **observação passa a ser um encontro dialógico**.

Também a entrevista, no âmbito da pesquisa qualitativa de cunho histórico-cultural, tem a particularidade de ser compreendida como uma produção de linguagem. A entrevista acontece entre duas ou mais pessoas: entrevistador e entrevistado(s) numa situação de interação verbal e tem como objetivo a mútua compreensão. Não uma compreensão passiva baseada no reconhecimento de um sinal, mas uma compreensão ativa que no dizer de Bakhtin(1988), é responsiva pois já contém em si mesma o gérmen de uma resposta. O ouvinte concorda ou discorda, completa, adapta, repensa e essa sua atitude está em elaboração constante durante todo o processo de audição e de compreensão desde o início do discurso. Para Bakhtin (1992), o enunciado é a unidade real da comunicação discursiva, estritamente delimitada pela alternância dos sujeitos falantes. A compreensão desse enunciado vivo é sempre acompanhada, portanto de uma atitude responsiva ativa, “ *pois toda compreensão é prenhe de resposta, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor.*(Bakhtin, 1992,p.290) Só este tipo de compreensão ativa é que permite a apreensão dos sentidos dos enunciados. Todo enunciado se elabora como que para ir ao encontro da resposta do ouvinte. De fato o que constitui um enunciado é justamente o fato de dirigir-se a alguém e de estar voltado para o seu destinatário. Na situação de entrevista compreender ativamente o enunciado de outrem significa orientar-se para o outro. Identificar-se com ele num primeiro momento e depois voltar ao seu lugar, para que assim, o entrevistador tenha condições de dar forma e acabamento ao que ouviu e completá-lo com o que é transcendente à sua consciência. Todos estes valores que completam a imagem do outro são extraídos do excedente de sua visão. Deste lugar fora do outro, portanto exotópico, é que o entrevistador pode ir construindo suas réplicas que quanto mais numerosas forem indicam uma compreensão mais real e profunda (Bakhtin,1988,p.132). Compreensão que leva o ouvinte a opor ao interlocutor a sua contrapalavra. Só na corrente dessa comunicação é que é possível que se construam sentidos.

A partir dessas considerações, justifica-se chamar a entrevista, que se realiza a partir dessa concepção, de dialógica, pois, ela estabelece uma relação de sentido entre os enunciados na comunicação verbal. Essa relação dialógica é marcada não por uma ordem lógica ou lingüística mas é uma relação específica de sentido, cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos, por trás dos quais está um sujeito real. Nessa perspectiva, por conseguinte, a entrevista se constitui como **uma relação entre sujeitos**, na qual se pesquisa **com os sujeitos** as suas experiências sociais e culturais, compartilhadas com as outras pessoas de seu ambiente. Assim entrevistador e entrevistado passam a ser parceiros de uma experiência dialógica, conseguindo se transportarem da linguagem interna de sua percepção para a sua expressividade externa entrelaçando-se por inteiro num processo de mútua compreensão.

Entretanto, os sentidos que são criados nesta interlocução, dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo entrevistador e pelo entrevistado.

As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social. (Freitas, 2002,p.29)

5.2- Trabalhando com encontros grupais em um processo reflexivo: As sessões reflexivas e o grupo focal reflexivo

Na pesquisa com formação de professores estamos no Grupo LIC usando como estratégias metodológicas as sessões reflexivas. Trabalho esse, fundamentado em Vygotsky, a partir de seus conceitos de interação, mediação, aprendizagem colaborativa ou compartilhada, ZDP(Zona de Desenvolvimento Proximal), conceitos cotidianos e conceitos científicos. Encontramos também fundamento nos conceitos bakhtinianos de interação, dialogismo, ideologia do Cotidiano x ideologias historicamente cristalizadas, discurso internamente persuasivo.

Conhecemos o trabalho que a professora Dr.^a Cecília Magalhães e seu grupo (LAEL-PUC-SP), vem há vários anos empreendendo, realizando estudos e pesquisas com grupos de professores utilizando uma metodologia intitulada de aprendizagem colaborativa baseada no referencial histórico-cultural. Trabalhando com a reflexão e colaboração, esses grupos envolvem uma visão de co-autoria na avaliação das representações e procuram não só compreender as percepções dos professores como também incluem um trabalho de intervenção transformador (MAGALHÃES, 2002).

Daí chegamos ao que denominamos de sessões reflexivas: um trabalho grupal com professores que partindo de relatos de sua experiência pedagógica possa levá-los a confrontar as suas ideologias do cotidiano com as ideologias historicamente cristalizadas. Nessas sessões grupais o processo reflexivo é desencadeado por meio do diálogo entre professores e pesquisador construindo um espaço para uma reflexão crítica em relação à prática dos participantes. Estes se engajam discursivamente em diálogos a fim de compreenderem o fenômeno investigado para buscar então transformações em sua prática pedagógica. A reflexão parte do que o professor faz para uma reconstrução do que pode ser feito, confrontando-o com o seu contexto social e político. É fundamental que as ideologias refletidas e refratadas nos enunciados dos professores e pesquisador sejam identificadas e que suas relações com o contexto social, histórico e cultural mais amplo sejam analisadas e discutidas. O que se quer é pois, discutir criticamente repensando valores e suposições, submetendo-os a contínuos questionamentos, argumentos e contra-argumentos. A concordância não é necessária: discordâncias e conflitos contribuem para a aprendizagem dos participantes. É importante compreender também esse processo como uma aprendizagem colaborativa, cuja construção do conhecimento, no movimento em espiral de Vygotsky, se dá em um conflito constante entre os níveis real e proximal podendo passar por um mesmo ponto de reflexão a cada nova revolução. A colaboração, portanto, não implica simetria de sentidos, idéias e participação. A partir da dialogia bakhtiniana e do processo de aprendizagem de Vygotsky: conflitos e questionamentos são considerados parte integrante da ação colaborativa entre pesquisador e professores, sendo essenciais para desencadear a reflexão crítica e possíveis modificações da prática. (Szundy, 2005)

Assim, o que acontece nas sessões reflexivas é

uma ação colaborativa que pode ser compreendida como contextos de ação onde os participantes de uma interação questionam ações dos interlocutores, são questionados e, à luz das razões dos argumentos, retomam teorias, escolhas e compreensões que foram questionadas por um interlocutor (Magalhães, 2002, p.52)

Nesses grupos, pesquisadores e pesquisados têm oportunidade para refletir, aprender e resignificar-se no processo de pesquisa de forma colaborativa uma vez que todos são co-participantes ativos e sujeitos da construção e transformação do conhecimento.

O Grupo Focal é uma estratégia para ser usada em pesquisa qualitativa e consiste na formação de grupos de discussão constituídos, em geral, por seis a dez sujeitos que apresentam algumas características em comum e se dispõem a participar da discussão sugerida pelo facilitador do grupo. Temos usado em nossas pesquisas os grupos focais ampliando suas possibilidades, trabalhando com eles num movimento reflexivo. Assim, diferentemente do que propõe a técnica original que supõe a formação de vários grupos e a previsão de apenas um ou dois encontros com cada grupo, organizamos um ou dois grupos que se reúnem diversas vezes. Essa organização pretende que os grupos focais se constituam em espaços de reflexão. Em pesquisas com formação de professores temos trabalhado com o que denominamos de grupos focais reflexivos nos quais os participantes têm oportunidade para se situarem diante de suas experiências escolares a partir dos focos que se apresentam em cada encontro. Estes focos podem ser trazidos pelo próprios participantes ou pelo pesquisador e se referem a recortes relacionados a situações vividas em sala de aula ou em seu processo formativo. No grupo, mediados pelo pesquisador refletem a partir dos focos, de forma compartilhada, sobre as experiências vividas em sala de aula identificando possibilidades de mudanças a serem implementadas em si mesmos e em seu trabalho atual e futuro.

Considero, pois, que a *observação, a entrevista, as sessões reflexivas e os grupos focais reflexivos* em coerência com o referencial histórico-cultural, podem ser vistos como uma **produção de linguagem e uma esfera social de circulação de discursos** em que os eventos de linguagem são marcados pela interlocução.

6. Sintetizando o apresentado

Ao assumir o sujeito e o próprio conhecimento como uma construção social, o enfoque histórico-cultural supera as tendências positivistas e os limites da objetividade na abordagem dos modos de produção de conhecimento nos campos da Psicologia e da Educação. Nesse texto argumentei que a partir desse enfoque é possível fazer da pesquisa não apenas um espaço de compreensão da realidade, mas também de formação e de intervenção. Trabalhando em um movimento reflexivo desenvolvido através de práticas discursivas, a pesquisa de abordagem histórico-cultural tem como desafio a construção de espaços formativos que visam possibilidades de transformações, tanto no campo pessoal, quanto dos contextos sócio-culturais mais amplos nos quais os sujeitos se inserem. Nela se percebe um entrelaçamento dialético de sujeito e objeto, imersos na cultura, na sociedade e na história. Ao investigar o singular inserido no mundo e na

história, a pesquisa focaliza a realidade humana em uma perspectiva de totalidade e nela se implica buscando formas alternativas de superação no campo das práticas sociais.

Enfim, sintetizando o até aqui discutido, posso dizer que a pesquisa, na abordagem histórico-cultural se constitui como uma relação entre sujeitos, na qual o pesquisador apreende o singular a partir das enunciações que revelam as múltiplas determinações dos sentidos produzidos. É a partir dessa compreensão ativa que se possibilita entre os participantes um movimento transformador fazendo da pesquisa um espaço de compreensão, formação e intervenção.

Referências bibliográficas

AGUIAR , W.M.J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In BOCK, A M. B. *et al.* (Org.). *Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2001, p.97-112.

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

_____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 7-20, jul. 2002.

_____. A contribuição de Mikhaïl Bakhtin: a tripla articulação ética, estética e epistemológica. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ Estética de la criacion verbal. México:1985.

_____. *Hacia una filosofía del acto ético*. Puerto Rico: Editorial de la Universidad de Puerto Rico, 1999.

_____ (Voloshinov, V.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.

BOCK, A M. B. *et al.* (Org.). *Psicologia sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2001.

FREITAS, M. T. A. *Vygotsky e Bakhtin - psicologia e educação: um intertexto*. São Paulo/Juiz de Fora: Ática/EDUFJF,1994.

_____. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

_____. Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C. A. *et al.* (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Ed. da UFPR, 1996. p. 165-187.

_____. A perspectiva sócio-histórica: uma visão humana da construção do conhecimento. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

JOBIM e SOUZA, S.; LOPES, A. E. Fotografar e narrar: a produção do conhecimento no contexto da escola. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 61-80, jul. 2002.

KRAMER, S. Autoria e autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 116, p. 41-60, jul. 2002.

_____. Entrevistas coletivas: uma alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, M. T. A.; JOBIM E SOUZA, S.; KRAMER, S. (Org.). *Ciências humanas e pesquisa*. Leituras de Mikhail Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2003.

LIBERALI, F.C. Agente e pesquisador aprendendo na ação colaborativa. In: Gimenez, T. (org.) *Trajetórias na formação e professores de línguas*. Londrina, Ed. UEL, 2002 p. 109-127.

_____. *O diário como ferramenta para reflexão crítica*. Tese (Doutorado) S. Paulo, 1999 PUC-S. Paulo

MAGALHÃES, M. C. C. A linguagem na formação de professores reflexivos e críticos. In : Magalhães, M.C.C.(org.) *A formação do professor como profissional reflexivo: linguagem e reflexão*. Campinas, Mercado de Letras, 2002

Marx, K & Engels, F. *A ideologia alemã*. S. Paulo: Ciências Humanas, 1979

Newman, F. & Holzman *Lev Vygotsky: cientista revolucionário*. S. Paulo: Loyola, 2002. p.15-20 e 174-179

PINO, A. O social e o cultural na obra de Vygotsky. In *Educação e sociedade* n.71, julho, 2000, p.45 a77.

REY, F. G. *La investigación cualitativa en psicología*. Rumbos y desafios. São Paulo: Educ, 1999.

SZUNDY, P. T. C. *A construção do conhecimento no jogo e sobre o jogo: Ensino Aprendizagem de LE e formação reflexiva*. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

VYGOTSKY, L. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____ El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores (cap. 1) e Genesis de las funciones psíquicas superiores(cap.5) In: Vygotsky, L.S. *História del desarrollo de las fuciones psíquicas superiores*. Habana: Ed. Cientifico Técnica,1978.